

BINGEMER, M. C. L.  
A vivente que gera vida: Analogia entre corpo feminino  
e os mistérios da criação  
Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v.53, n.3, p.553-578. set./dez.2021  
ISSN 2176-8757

Maria Clara Lucchetti Bingemer, autora do artigo aqui resenhado, é doutora em Teologia Sistemática pela Universidade Gregoriana e atualmente é professora titular do Departamento de Teologia da PUC-Rio e coordenadora da Cátedra Carlo Maria Martini CTCH/PUC-Rio. O artigo em questão foi publicado pela Revista Perspectiva Teológica (v. 53, n. 3, p. 553-578) em set./dez. 2021, e objetiva trazer uma reflexão teológica sobre dois temas fundamentais para a Teologia atual: a questão de gênero e a questão ambiental, tudo isso a partir das marcas deixadas pelo dualismo da linguagem teológica ao longo da história, e do antropocentrismo patriarcal vigente na sociedade. Essas “marcas” deixadas na história humana influenciaram, segundo a autora, na compreensão que se tem do corpo feminino e do corpo da terra, destacando que nesses corpos a geração de vida é um dos elementos comuns entre ambos.

O artigo se divide basicamente em cinco seções: 1- Dualismos que marcaram a Teologia, 2- Criação: um processo que não nega o Criador, 3- Mulher e Terra: corporeidades abertas e vulneráveis, 4- Por uma mística ecofeminista, 5 - Corporeidade repartida e distribuída para que todos tenham vida.

A seção 1, Dualismos que marcaram a Teologia, se inicia destacando que é uma missão da Teologia procurar uma resposta, a partir da Revelação, para as principais questões de cada época, cabendo à Teologia dialogar com outras ciências para atingir esse fim, e os dois grandes temas urgentes de nossa época são: a questão de gênero e a questão ambiental. Para isso, o artigo vai buscar uma análise das principais tipologias das religiões, alertando que a partir da compreensão de divindade que se tem se terá uma visão de mundo e de gênero diferentes. A autora identifica dois tipos básicos de religiões: as telúricas e as urânicas. O simbolismo arquétipo materno/paterno é normal na mediação das figuras divinas segundo a história das religiões e da psicologia religiosa, por isso, será normal que tanto as religiões telúricas como as urânicas se identifiquem com uma ou com outra figura. As religiões telúricas, por exemplo, são mais ligadas à terra, mais horizontais, mais ligadas aos ciclos na vida e, por isso, são mais identificadas com o feminino/materno, o imanente, a protologia, a origem das coisas. Tanto a terra como as fêmeas, por exemplo, recebem “sementes” para gerar a vida dentro de si. Já as religiões urânicas são, por sua vez, mais verticais, ligadas à transcendência de Deus, destacam a supremacia do céu sobre a terra, mais ligadas à figura do macho/paterno, valorizam mais o transcendente, o invisível e, de certa forma, o escatológico, o futuro, o fim da história, o projeto redentor e salvador. Na concepção judaica, por exemplo, apesar de Deus estar em constante “união” com o ser humano, esse Deus não vem ao mundo, não se “mistura” com o mundo. Nessa concepção urânica, a divindade não se “relaciona” profundamente com o mundo, mantém, de certa forma, uma distância do mundo. A concepção da religião judaica é fruto de uma sociedade patriarcal e, com isso, a supremacia de Deus sobre o mundo determinará uma supremacia do macho sobre a fêmea. Nessa seção o artigo também destaca que, apesar de no 1º relato da criação a vinda da existência da terra ser anterior à vinda do Homem, como uma mãe que vem antes que um filho, que o recebe e o cuida, demonstrando toda uma relação harmoniosa entre Deus, criação e o ser humano, prevaleceu na tradição judaico-cristã uma visão dualista entre céu/terra, um distanciamento de Deus do mundo e como veremos mais adiante, até mesmo um distanciamento do ser humano da criação.

Segundo o artigo, o ponto de inflexão, de entrada em definitivo nessa concepção patriarcal do judaísmo e que marcou também o cristianismo, deu-se na volta do Exílio da Babilônia. Até aquele momento, o povo Hebreu era monolátrico, cultuava um só Deus, mas admitia a existência de outras divindades associadas a outros povos. Quando da sua passagem para a monoteísmo,

passou a não aceitar a existência de outras religiões, pois muitas delas eram de concepção telúricas. Apesar da encarnação de Deus em Jesus Cristo, do Deus que veio a nós, a Igreja muitas vezes não soube valorizar esse aspecto, e a visão dualista entre céu/terra prevaleceu, gerando os demais dualismos, como homem/mulher, divino/pecado etc.. Com a predominância da figura masculina no cristianismo, surgem outras distorções. Quando o cristianismo atinge o ocidente é acrescido de elementos étnicos/raciais, com a imagem do homem branco/europeu ganhando preponderância, sendo as outras imagens (mulher, índio, negro etc.) vistas como inferiores.

A autora destaca que o dualismo que marcou a relação céu/terra nas religiões urânicas também trouxe outra consequência: o antropocentrismo. O “mandato” de Deus em Gn 1,28 foi interpretado de forma literal e gerou um dualismo entre ser humano e criação/natureza. Nessa mesma sequência, entra o individualismo. O ser humano passa a ver a criação/natureza como um “inimigo” a ser vencido e dominado, utilizando-se do determinismo tecnológico e econômico, e isso é visto como uma necessidade de sobrevivência, dividindo aquilo que Deus criou: a Criação como um todo.

A seção 2 do artigo, “Criação: um processo que não nega o Criador”, vai tratar um pouco da origem do Homem segundo os relatos da criação, e qual a relação deste ser humano com essa grande mãe Terra. Nesse processo de criação, o artigo destaca primeiro que Deus é o criador/incriado e isso o distingue da criação, que a criação, sim, teve um início e que Ele criou o universo sem uma distinção de prioridades entre céu e terra, sem a primazia de um sobre o outro. Apesar das distinções de nomenclaturas usadas para falar do ser humano nos dois relatos (sacerdotal e javista) o que se observa é que ambos dão uma mesma dignidade ao ser humano, sem distinção entre o masculino e o feminino. A expressão “adam”, por exemplo, designa o ser humano como um todo, foi o “adam” que foi criado à imagem e semelhança de Deus e não só o homem, e mesmo que posteriormente se faça uma distinção entre masculino (ish) e feminino (isha), ela (a mulher) foi retirada das costelas do homem, isto é, possui a mesma dignidade que ele. A autora também destaca que nesse processo de criação do ser humano, “Deus está selado em sua carne”, que o “adam” tem sua origem em um elemento criado anteriormente: a terra. Ele também é barro, e que veio à vida quando o “nefesh” (espírito) lhe foi soprado nas narinas (por dentro, inflado) por Deus. Assim, o espírito não está acima, mas por dentro, logo, o ser humano não é duas coisas, matéria/mortal e alma/imortal, mas um todo. Nessa criação se observa o sentido materno da Terra. É dela, de seus elementos, que Deus criou o homem/mulher. O “adam” está integrado com a terra, há uma unidade/identificação com ela segundo o artigo e que nós, humanos, somos produto da “atividade evolutiva da Terra”, citando Leonardo Boff. Essa mesma terra tem um sentido todo maternal, pois não só nos gera, mas também nos acolhe quando de nosso sepultamento. A seção termina destacando que desta identidade com a terra, dessa compreensão de que dela viemos, surge uma mística/ética associadas a uma corporeidade feminina.

A seção 3, Mulher e Terra: corporeidades abertas e vulneráveis”, inicia-se citando a contribuição atual do ecofeminismo para a Teologia: a associação entre a dominação feminina e a dominação da natureza. Mesmo com uma distância histórica entre ambas, pois surgiram em épocas diferentes, acredita-se que a melhora da relação entre o ser humano e a criação levaria a uma melhora da relação entre o masculino e o feminino. Segundo o artigo, essa “associação” não é inquestionável dentro das correntes feministas ecológicas. De qualquer forma, a crise ecológica atual e a influência do ecofeminismo sobre a Teologia, tem trazido à tona a relação entre o arquétipo materno da terra e o feminino, o que nos faz penetrar no mistério da vida. O corpo da terra é tão fértil como o feminino: possui ciclos, é aberto à penetração do outro, dá frutos, mas se maltratado se torna estéril. Por tudo isso, há uma analogia entre o corpo da terra, o corpo da mulher e a vida. O artigo traz, então, a figura de Eva, “a que vive”, a “vivente”, além de termos como ish/isha (homem e mulher, em Gn 2), como também zakar/nequeva (macho e fêmea, o “pontoado” e a “perfurada”), destacando que nequeva é aquela que é aberta à fecundidade, à alteridade, e que na sua abertura, em sua interioridade, traz algo de mistério.

Em seguida, o artigo passa a analisar o diálogo realizado entre a psicanalista Julia Kristeva e a escritora e filósofa Catherine Clément, que mesmo com a discordância de muitas gerações de feministas, voltam a trazer à tona a questão da fertilidade da corporeidade feminina. Na tríade francesa admirada por Kristeva (Liberdade, Igualdade e Fraternidade), ela adiciona uma 4ª dimensão: a vulnerabilidade, a vulnerabilidade da maternidade. Mesmo que para as primeiras gerações do feminismo isso tenha sido visto como um fator de escravidão, para Kristeva (segundo o artigo), seria

uma metáfora associada ao poder, poder da vulnerabilidade, mas também da fertilidade, podendo ser assim associado ao sentido teológico de criação e à própria terra. Além disso, para Kristeva, “o sucesso profissional não atendeu a todos os anseios da mulher, e a sua libertação passa por algo mais totalizante e holístico, do que apenas o progresso profissional ou financeiro” (p. 565).

Essa 3ª seção termina comparando a opressão dos corpos femininos com a opressão do corpo da terra. Nos anos de ditaduras latino-americanas, quando mulheres perderam seus filhos, tiveram seus corpos violentados que ainda hoje sofrem com o feminicídio, pode se traçar um paralelo com a opressão com o corpo da terra, que responde hoje com mudanças climáticas e até com um vírus de 5mm. As mulheres de hoje podem, como nas referências bíblicas de tantas mulheres do AT, encontrar um modelo de luta contra essa opressão e, a partir disso, descobrirem uma mística que propicie o cuidado da terra e da vida.

Na seção 4, “Por uma mística ecofeminista”, o artigo vai indicar que para se construir uma mística que valorize o feminino e o cosmos, a partir da Revelação do Mistério, é preciso ganhar a consciência fundamental de que somos corpo dentro de um Corpo. Nessa mística devemos perceber que somos seres humanos (corpo) dentro do Corpo maior (Terra, Criação), que estamos integrados à terra pelos mínimos detalhes (respiração, tato etc.). Se toda a mística é feita a partir de uma experiência de união e integração, não há como, nesse caso, não considerar o elemento terra. Essa experiência mística se dá também no efêmero da vida. Dessa forma, o artigo coloca que toda a corporeidade (terra e feminino) são mediações para essa experiência mística, de Deus e do conhecimento, na qual a corporeidade feminina, com sua vulnerabilidade e também capacidade de gerar vida, pode ser um grande modelo para a espécie humana se redescobrir. Logo, há algo de comum entre o corpo feminino, o corpo da terra e a criação de Deus, que é o elemento vida. Assim, a experiência corpórea do feminino e da terra, nos levará a uma mística, a um conhecimento, que exporá não só as violências contra a mulher e contra a terra, mas a uma nova redescoberta para o ser humano.

A 5ª seção, “Corporeidade repartida e distribuída para que todos tenham vida”, começa dizendo que é possível uma identificação entre a corporeidade feminina, que se doa, que se dá, e a Eucaristia, e essa associação parte de texto bíblico de 1Cor 11,23-26 e do fato de os elementos utilizados na transubstanciação (pão e vinho) tem sua origem nos frutos da terra e no trabalho humano. Para o artigo, se na Eucaristia encontramos o sentido de doação de nosso Deus gerando vida, sob o ponto de vista antropológico, são as mulheres que carregam essa possibilidade de tornarem visível a vida no mundo. Elas não só geram a vida em si, mas depois de nascido o novo ser, elas os alimentam com seu próprio corpo (leite), doando a si mesma, e isso tem um sentido simbólico forte junto ao sacramento da Eucaristia. O artigo também destaca que esse sentido de gerar vida ou de doação de si mesmo, não se restringe ao sentido maternal biológico. Como exemplo, ele cita a figura da filósofa Simone Weil, que mesmo sendo uma contemplativa valoriza muito o trabalho manual e o corpo de cada um que realiza esse trabalho. Simone Weil trabalhou como camponesa na extração de batatas e, a partir disso, fez a experiência de finitude e de limites. Todo esse trabalho manual lhe enchia de profundo gozo. Foi em meio ao trabalho manual, que se pode observar o sentido de “gerar vidas” para Simone Weil, não no sentido biológico, mas tão válido como o biológico, pois como ela mesmo dizia: “as fadigas de meu corpo e de minha alma se transformarão em alimento em meio a um povo que tem fome” (p. 572). Desta forma, o artigo destaca na figura de Simone Weil, a mística filósofa que, com o trabalho da terra, experimentou um sentido de comunhão (com a terra e com os trabalhadores da terra), uma corporeidade aberta (nequeva), fecunda, para repartir vida com todos os mais necessitados de alimento e, para isso, contou com a mediação da terra.

A reflexão trazida pelo artigo é de suma importância para os dias atuais, não só para a Teologia, mas para todos que se preocupam com as mudanças por que passam o mundo e a sociedade. Com uma linguagem que é, ao mesmo tempo, simples, precisa e profunda, o texto nos coloca diante de uma clara e necessária revisão de nossos paradigmas humanos: o ser humano está inserido num grande corpo que é a Mãe Terra. Ele nos faz repensar o corpo feminino, não na visão pecaminosa, tão difundida na sociedade, mas uma inspiração para a Teologia nos dias atuais, nos aproximando do grande Corpo da Mãe Terra, fazendo-nos ver as semelhanças entre o que esses corpos sofrem e suas potencialidades. O artigo acaba nos dando as pistas necessárias para uma superação de um antropocentrismo tão agressor a ambos os corpos.



***Ricardo Adriano de Bittencourt***

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: bittric@gmail.com